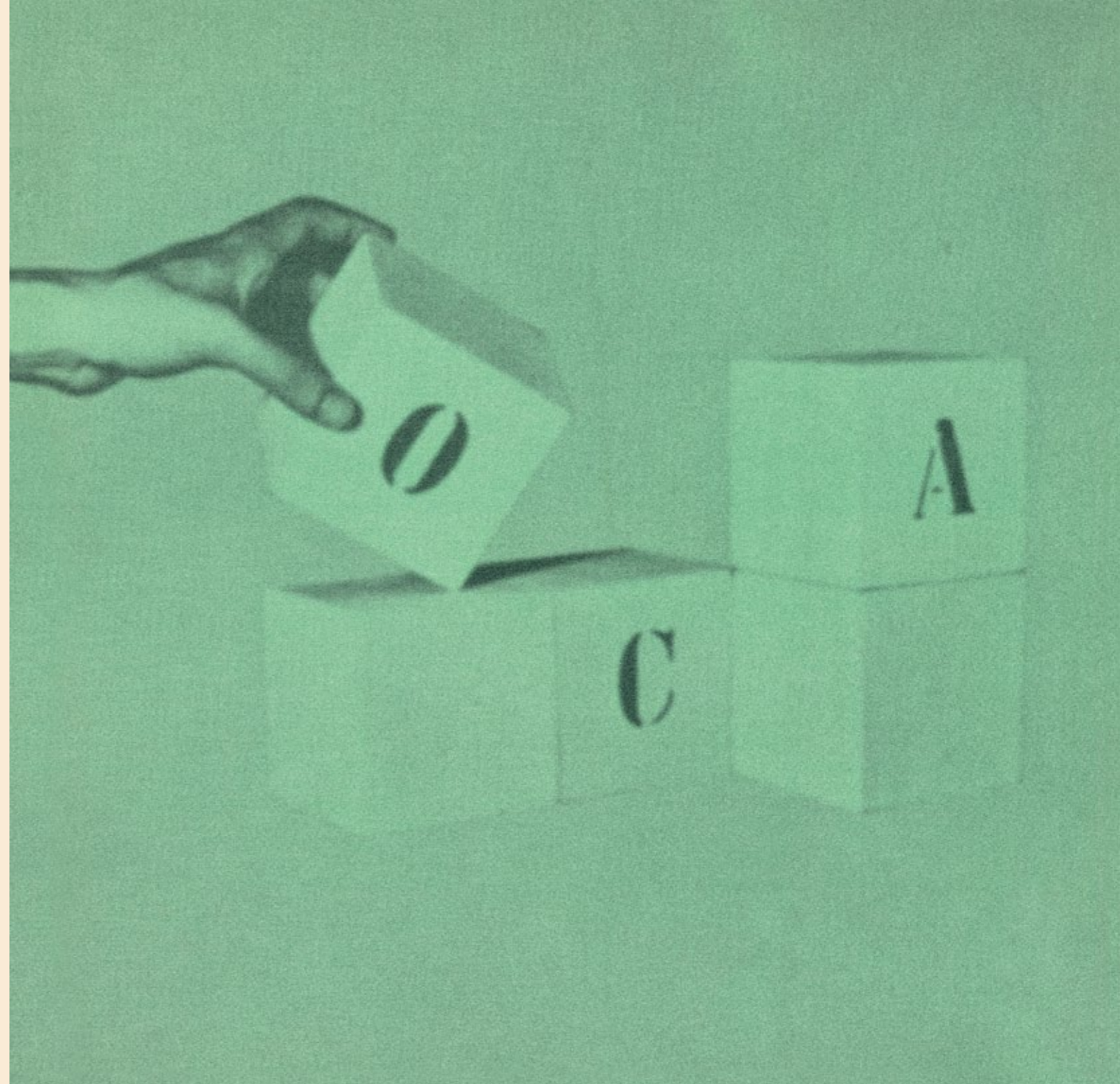




casa individual pré-fabricada



Casa pré-fabricada e individual

Mário Pedrosa

Nesta época de irreprimível individualismo, com profundo caráter anárquico e pessimista (muito afim ao comportamento desabusado da "beat generation"), que se nota no campo das artes plásticas, mui especialmente da pintura, exposição como esta, em boa hora promovida pelo MAM, é iniciativa que podemos saudar pelo seu otimismo.

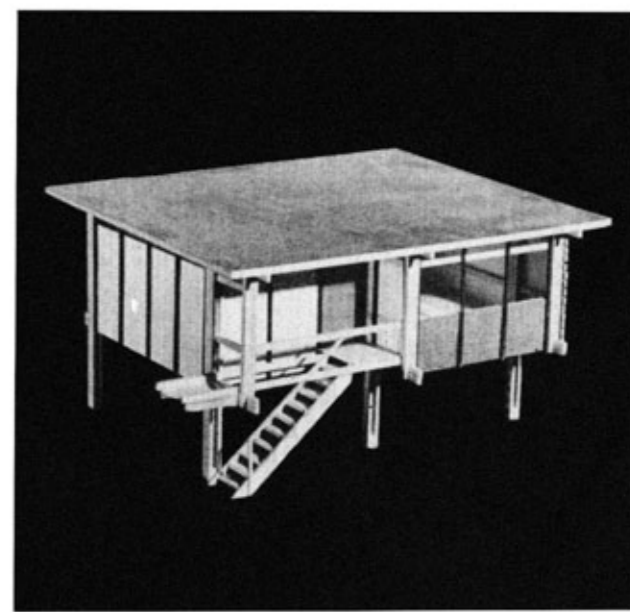
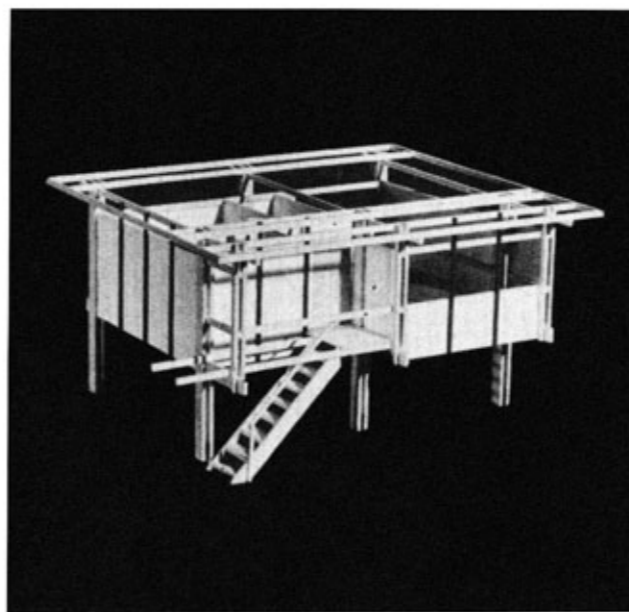
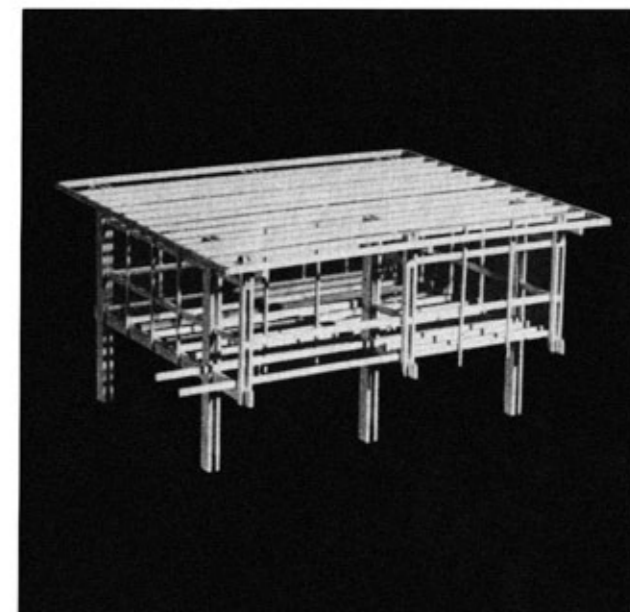
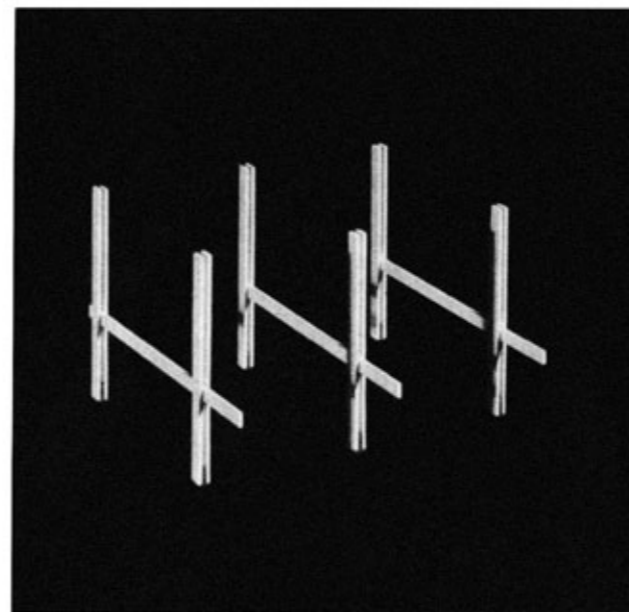
Trata-se de experiências em módulos pré-fabricados para habitação individual, projetados pelos arquitetos da OCA. É, assim, no fundo, uma reação sadia, embora inconsciente, ao excesso associal ou anti-social dominante atualmente nos meios artísticos e arquiteturais, e que vem mui a tempo, em nome de uma reivindicação de ordem social e cultural de transcendente e permanente importância: a da casa para o homem moderno, isto é, o homem comum de nossos dias.

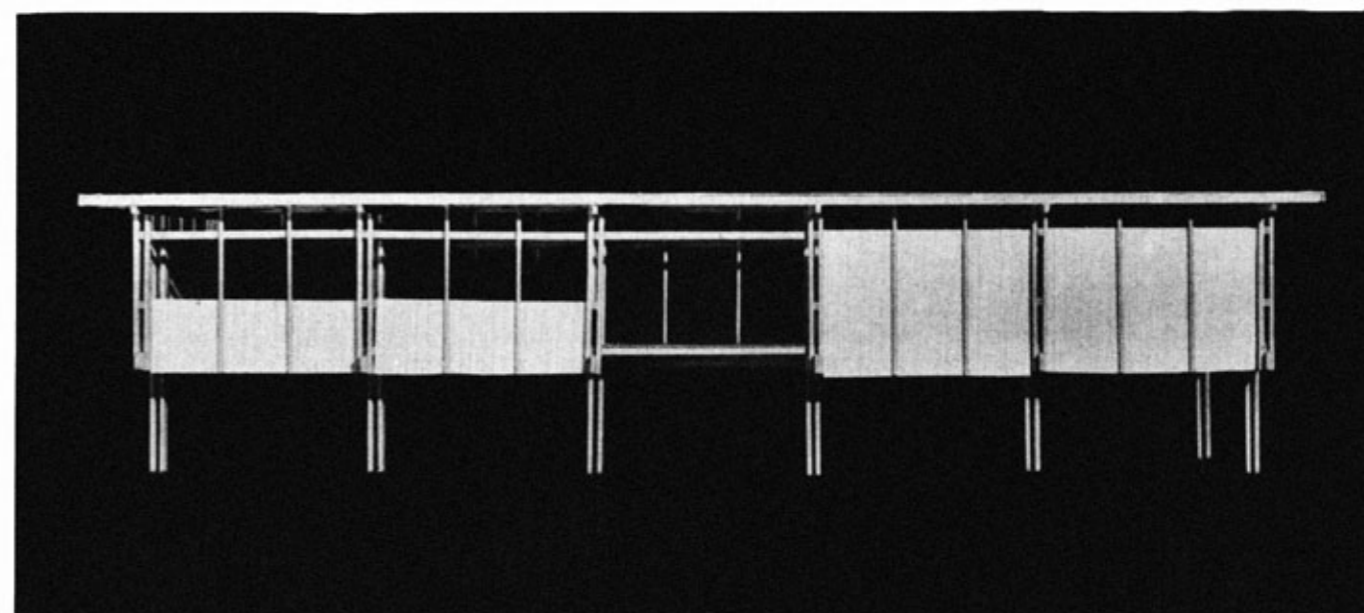
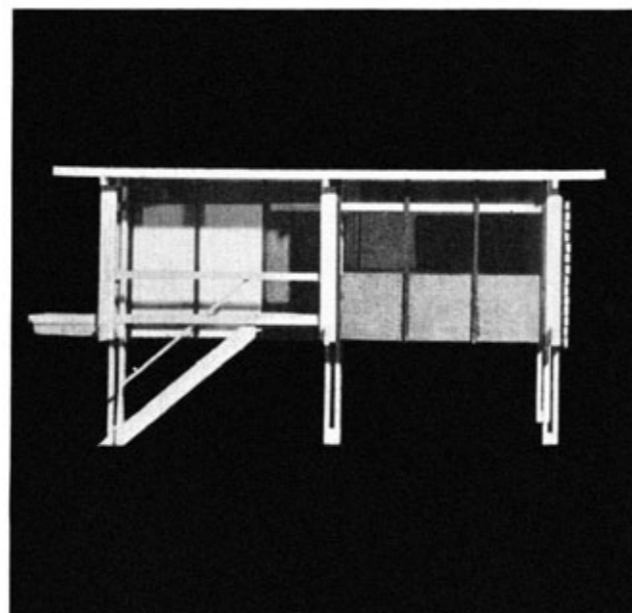
A OCA apresenta uma solução possível, dentro de certos limites, para esse problema fundamental, o da habitação comum, popular, longe de resolvido. Desta vez, com efeito, já não se trata, no plano da arquitetura, nem de palácios, nem de ricas mansões

domínio até agora exclusivo da arquitetura moderna deste país. Uma das graves deficiências dessa nossa tão louvada arquitetura é a de ter sido, até hoje, salvo um ou outro ensaio social, de que Pedregulho (infelizmente não acabado!) é o exemplo mais alto, atividade puramente aristocrática, estritamente reservada a milionários ou ao poder público. Esperemos que Brasília seja a oportunidade não apenas para estimular o brilho da imaginação criadora de alguns dos nossos grandes arquitetos, como Oscar Niemeyer, mas para que se afirmem, também, com o mesmo brilho, e, sobretudo, com viva flama, as solicitações do social e do humano na construção das superquadras residenciais do plano urbanístico de Lucio Costa.

A presente mostra põe em ordem do dia a questão da habitação individual confortável para todo mundo. Quer dizer, a casa não aristocrática e individualista, mero artigo artesanal de luxo, mas fruto da produção industrial em massa, ou a casa com pré-fabricados. Talvez o ponto mais alto e revolucionário (no Brasil) trazido pelos expositores é precisamente este — que não se trata de uma casa pré-fabricada, mas de um módulo aceito para montarem-se casas com materiais pré-fabricados já existentes no mercado. Aqui está o cerne da experiência consubstanciada na mostra.

Ainda hoje, quando se fala em casas pré-fabricadas a maioria logo pensa em casas prontinhas em fôlha e como tal entregues a domicílio, como a geladeira, o aspirador de pó, etc. Uns, afagados pela idéia de "progresso" e "comodidade", aplaudem a idéia. Outros, porém, torcem o nariz ao conceito mesmo de standardização, de cujas conotações têm horror. Gropius, já que não se pode falar em tais coisas sem mencionar o seu nome, ainda em 1909, em uma carta dirigida a um dos Rathenau, o presidente e fundador da famosa AEG alemã, pai do não menos famoso Walther, assassinado em 1922 por um pré-nazista, quando era Ministro do Exterior da nova república alemã, lhe propunha "a organização de uma companhia para a construção de casas na base de uma unidade artística". E, pormenorizando sua idéia para o grande industrial, escrevia: "A idéia de industrialização da construção de casa pode ser realizada pela repetição em cada construção das mesmas partes componentes standardizadas. Isto significaria





que os métodos de produção em massa poderiam ser empregados de modo a tornar mais barata a construção para o produtor e o aluguel mais em conta para os ocupantes. "A companhia", explicava o jovem arquiteto de então em cuja mente já brotava a genial e revolucionária concepção da Bauhaus, "poderá satisfazer o desejo de um lar por parte do público com uma aparência individual..." Plenamente consciente do que projetava, mostrava ser "possível obter-se um número infinito de variações para cada plano-tipo, graças a diferentes combinações dos elementos-standards", pois, "tanto comercial como tecnicamente é possível satisfazer o desejo do público por uma casa individualmente projetada, graças às múltiplas maneiras de combinar partes intercambiáveis, sem sacrifício dos princípios da produção em massa."

O tempo veio confirmar tôdas essas proposições de Gropius, e é ainda na base delas que os arquitetos da OCA vêm apresentar, agora, ao público do Rio de Janeiro, isto é, com um atraso de quarenta anos — e o Brasil é um país moderno —, uma solução, mo-

desta ainda, mas suscetível de desenvolvimento, de modo a satisfazer as aspirações pelo menos das classes médias favorecidas.

Se na aurora desse movimento, para vencer o academismo arquitetônico e o espírito gratuito da "arte pela arte" então prevalentes, faltava aos reformadores da época a experiência vital para sobrepujar a ciência aprendida e a pura erudição, hoje a experiência não falta (nem a erudição ou a ciência abstrata) mas falta a vontade, ou melhor, a preparação psicológica do público. Então, mesmo os precursores da concepção global que levaria à Bauhaus, os Van de Velde, os Olbrick, os Behrens (o mestre de Gropius) que na Alemanha tiveram força bastante para impor os Kunstgewerbeschulen pelo país e, sobretudo, os Werkbund de Munique, não conseguiram vencer em si mesmos a dualidade do tradicional e do vivo, para alcançar o ideal que já os movia, qual o de "reunir o mundo da arte ao mundo do trabalho". Esta unificação só a Bauhaus iria realizar, pela primeira vez, no nosso mundo moderno. A decalagem então existente entre o ideal procurando por aqueles

ilustres nomes na Alemanha do início do século e os preconceitos e tradições que nêles ainda sobreviviam também imperava no espírito dos Shullivans e outros precursores nos Estados Unidos. Apesar das mais belas idéias modernas dos idealizadores das famosas escolas profissionais alemãs (os Kunstgewerbeschulen), na prática dos currículos desses estabelecimentos ainda mereciam, por exemplo, lugar de honra "o projeto" e a "composição".

Em nossas moderníssimas escolas tudo se baseia ainda nesses momentos privilegiados. E aí está por que uma tentativa, mesmo em pequena escala como a atual, já não participa daquela decalagem idealista dos pioneiros do início do século, nem do ranço acadêmico hoje ainda notado nas nossas escolas. O "modernismo" da experiência não é artificial, resultante de idéias lidas em livros e revistas; é, ao contrário, natural, quer dizer, saído do lidar profissional com "o mundo do trabalho", ou "o mundo da produção industrial".

A casa proposta pelos modelos da OCA não surge de um projeto a priori, ou muito menos de um exer-

cício de composição, mas de normas industriais prevalentes nas fábricas, de normas e módulos de materiais em circulação no mercado. Aqui, pois, escapa-se, com naturalidade, do preconceito da "arte pela arte", da "arquitetura pela arquitetura" ainda tão visível na mente mesmo dos nossos arquitetos mais aparelhados tecnicamente e mais familiarizados com a vida industrial. Eis aí outro aspecto de interesse da presente mostra.

O problema dos pré-fabricados para casa é impensável sem uma ligação estreita com o mundo industrial. A casa da OCA não é um todo indissolúvel que, por sua engrenagem, proíba modificações na forma e na distribuição de seus espaços. Não é um brinquedo, inflexível, na fixação de suas partes, à fantasia da criança que quer vê-lo por dentro, ou alterá-lo na sua disposição. Também não tem a casa pré-fabricada nada de similar às estruturas fixas do automóvel. Ela é portátil, mas não imutável, segundo um molde dado para sempre. Por aí foge à mecanização padronizada que não permite ao protagonista da comédia caseira, isto é, ao homem que nela vive, modificá-la

para melhor atender às próprias inclinações, ou mais precisamente, ao seu modo natural, predileto, de viver. Aqui, por exemplo, a fachada é apenas uma proposição, e pode ser mudada no seu partido, na sua posição, na distribuição de suas partes. Depende em suma, essencialmente da vontade do dono.

Obedientes à idéia central, que está na base de todo empreendimento semelhante, quer dizer — a industrialização das partes componentes — cada casa é feita das mesmas partes estandardizadas; desta forma, os projetistas conseguem satisfazer aquele velhíssimo desejo formulado por Gropius ainda em 1909, de uma casa, apesar de pré-fabricada, com “uma aparência individual”.

Sem, com efeito, uma relação muito íntima da arte de edificar com a técnica de fabricar, nenhum arquiteto por mais nobremente genial que seja pode abordar a questão da casa pré-fabricada. O arquiteto que deseje dedicar-se a ela tem de modificar suas relações e sua atitude para com a indústria de construção, pois, ao debruçar-se sobre a questão do desenho das partes componentes da habitação, há de o fazer em razão dos materiais da fábrica, de suas propriedades, do módulo adequado, etc., e, inexoravelmente, dos preços vigentes desses produtos na praça. A partir desses elementos fornecidos pelo mercado, é que começa sua função especialmente arquitetônica, que não é mais tanto projetar, abstratamente, aprioristicamente, como conceber as maneiras mais adequadas e mais belas de ajuntá-los, de combiná-los.

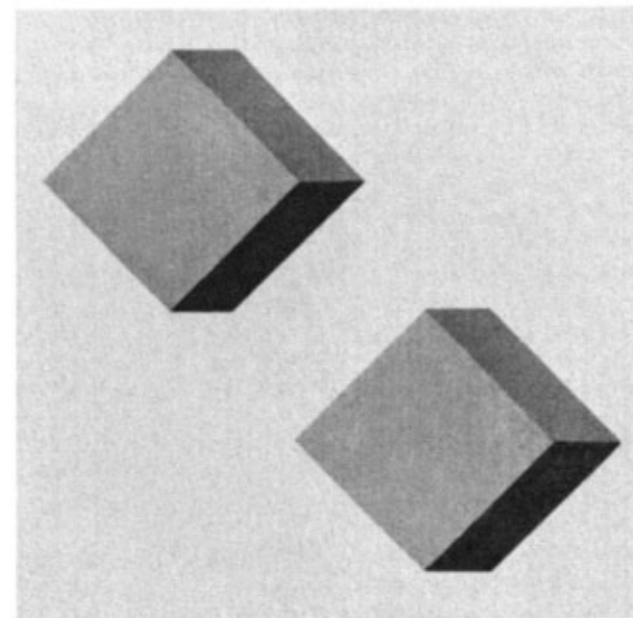
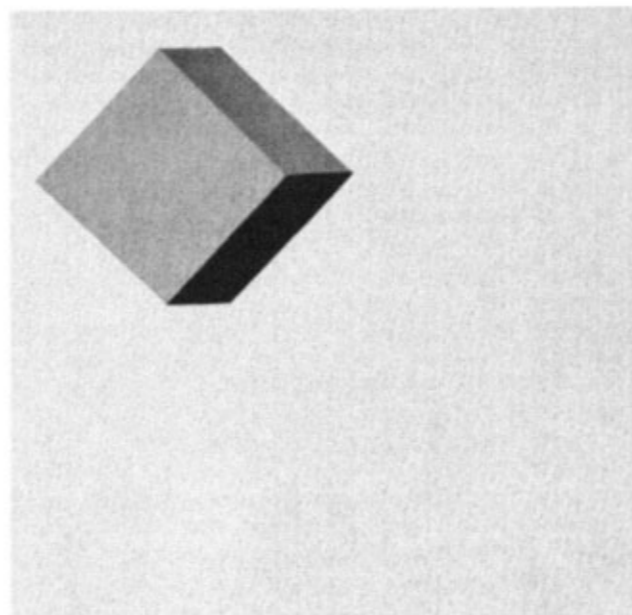
Nesse campo do pré-fabricado, o desenho estrutural é estritamente dependente do material produzido. Com efeito, ou este possui as mesmas propriedades estruturais e isolantes dos grandes muros de alvenaria convencionais, apenas com bem menos peso e volume, mas tendo todavia de ser combinados em painéis com o pé direito apropriado ao morar, numa planta fechada, como se tratasse de construção molhada; ou a planta será de estrutura livre, isto é, com esqueleto próprio, independente, paredes de mera vedação, painéis para o teto e o piso, etc. As propostas da OCA são do segundo tipo, com planta livre e aberta, em madeira compensada, peroba, que resiste melhor do que o pinho do Paraná às intempéries e umidade extremamente variáveis do clima do país. Têm elas também outra originalidade: são concebi-

das sobre pilotis, de modo a deixar o térreo inteiramente disponível para as mais diversas funções que se lhe queiram dar.

A estrutura da casa, cujo modelo ora se expõe, é toda modulada na base de placas de madeira compensada à prova d'água. Suas dimensões são de 1,22m x 2,50m, com seus múltiplos e submúltiplos. A estrutura é de peroba maciça, mas de acordo com as bitolas vigentes na praça, quer dizer, de 3 polegadas (0,075m) e múltiplos e submúltiplos. Se a aceitação pública for de ordem a levar os arquitetos projetadores a empreender a produção em larga escala desses modelos em madeira, isso os obrigará a, deixando a fase experimental, entrar em verdadeiro processo de industrialização. E, para começar, modificarão o módulo típico das peças maciças de 3 para 2 polegadas (0,05m), já que a resistência e a flexão das peças apresentarão as mesmas propriedades das bitolas atuais da praça (3 polegadas), com a vantagem da redução de um terço na madeira e de tornar o material mais acessível e mesmo mais elegantes as estruturas. Na presente etapa experimental, a OCA julga, e com razão, não haver vantagem em adaptar, desde já, suas serrarias aos novos tipos, acrescentando às despesas do modelo as do trabalho de ajuste das máquinas aos protótipos reduzidos.

A OCA reduziu as virtualidades da montagem a três modelos básicos que reputa suficientes para dar solução a todos os problemas e exigências. O modelo menor, de 25m², comporta um quarto, living, cozinha, banheiro e a área coberta correspondente ao piso inferior. O médio é o que está aqui em exposição. Sua área é de 47m², com 2 quartos, teto “shed”, etc., e, finalmente, o maior, de 65m², com 3 quartos. Nos limites desses modelos, as variações quanto a soluções de detalhes e de programas, e mesmo de partidos, são muito amplas.

No modelo exposto as vantagens da estrutura independente são visualizadas até por leigos, graças ao caráter removível das paredes, à distribuição mais livre dos vãos e a uma flexibilidade maior no movimento interno dos espaços especializados. Essa liberdade na distribuição das estruturas internas e de espaços e vãos permite que o gosto ou as idiosincrasias do morador sejam atendidos. A estrutura geral é fixada ao solo por meio de esteios de 5m de altura. Para que tanta altura, se o limite de elevação



do soalho acima do solo, de acordo com o princípio básico de higiene em madeira, é apenas de 0,60m? Para criar uma área livre e coberta com a elevação do piso superior de madeira de 2m. Subindo os esteios a 5m, os arquitetos ganharam um piso inferior a mais, destinado ao que se quiser: play-ground, estacionamento de autos, jardins, cômodos para empregado ou para outros fins, etc. Em caso de cômodos, bastaria impermeabilizar os seus pisos.

Como se vê no modelo, as paredes externas são placas de compensado, à prova d'água, podendo ser forradas, ou não, do lado interno. Nesse caso, uma chapa de 0,10m pelo interior, e afastada 0,075m, dará o isolamento necessário. A firma se propõe, onde for o caso, aumentar o índice de isolamento térmico, com uma aplicação entre as duas chapas de placa de “eraklit” de 0,04m de espessura. As paredes internas possuem um esqueleto de madeira maciça e chapas de compensados de 0,01m de um ou dos dois lados. Para o banheiro e cozinha isolamento relativamente aos outros cômodos será por placas de “fibro-cimento plano”. O cuidado de isolamento é par-

ticulamente recomendável em estruturas e separações de madeira, não só devido ao problema térmico como ao de insonorização. Para um ótimo aproveitamento de espaço, armários poderão servir também de divisão entre quartos, ou mesmo para dispensar qualquer fôrro de isolamento, se colocados rentes à parede a ser isolada. Neste caso o próprio armário passará a fazer parte da casa.

Quanto ao piso, é formado de tábuas de peroba (sistema macho-fêmea), de 0,10m de largura, sendo que no banheiro ou cozinha o revestimento (sobre o próprio soalho de madeira) será com material plástico impermeável. A cobertura, por sua vez, será em placas de 1m² de feltro asfáltico “ondalit” revestido com uma lâmina de alumínio pregadas diretamente sobre o material isolante “eraklit”, o qual, por sua vez, é fixado ao fôrro, de régua de madeira. No intuito de possibilitar melhor utilização das paredes internas, poupando-as também das infiltrações nas janelas, etc., preferiram os arquitetos uma iluminação natural vinda do alto, mas lateralmente, por uma espécie de faixa vasada ou frecha contínua, a separar a

parte superior das paredes externas e o teto. Um prolongamento ou avanço proporcional da cobertura em relação ao espaço rasgado protege suficientemente o vasado contra o vento e a chuva. A aeração constante é suficientemente controlada. Em virtude também das paredes funcionarem apenas como vedação, prevêm e estimulam os arquitetos o capricho do morador em abrir, aqui e ali, buracos na madeira para o deleite de um vistaço para o exterior, onde se focalize o verde de uma bela copa d'árvore, um rasgão de mar selvagem, um canto de jardim atrativo, a imagem isolada de um monumento, etc. Em benefício da flexibilidade das combinações das partes evitou-se naturalmente o encaixe, adotando-se o sistema de justaposição dos painéis por fixação com parafusos e porcas. Nesse sentido, é forçoso reconhecer, os modelos expostos não têm ainda aquela extraordinária flexibilidade de montagem dos últimos projetos ideados por Gropius, ao inventar o sistema dos painéis gerais munidos de quatro modos de combiná-los por meio de juntas de aço nêles inseridos. Esse processo patentado permite que os painéis sejam conjugados, quer horizontal, quer verticalmente, para formar paredes, pisos, forros, tetos. Os protótipos são assim combinados não apenas no sentido das duas dimensões, mas também tridimensionalmente. Tamanha liberdade no arranjo combinatório só foi possível pela organização de uma verdadeira empresa industrial, a General Panel Corporation, de Wachsmann e Gropius. Por esse processo, a elevação e a junção dos elementos, parede, piso e teto, se fazem de modo semelhante, e o módulo deixou de ser uma unidade no plano para o ser no espaço, isto é, um cubo.

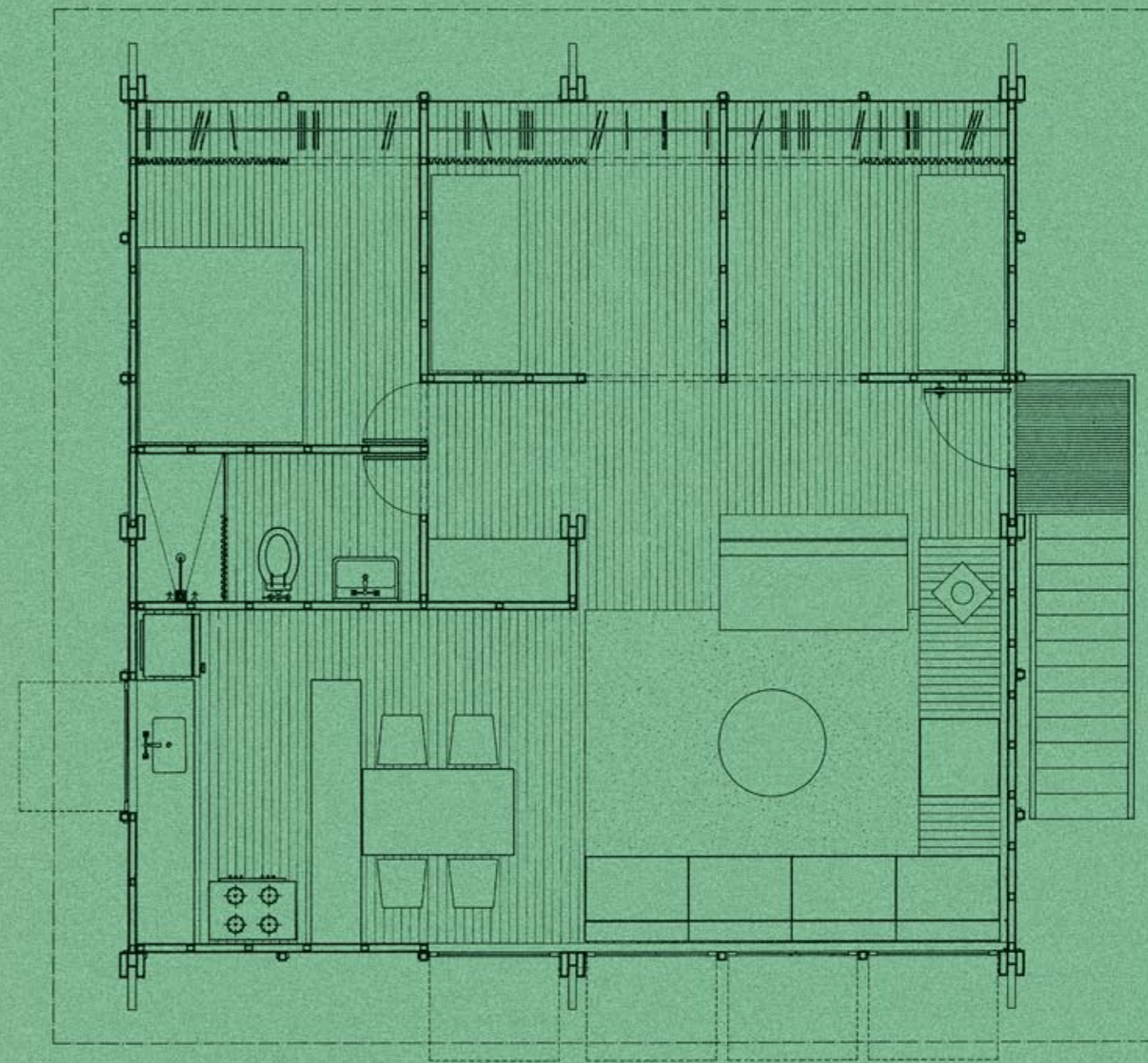
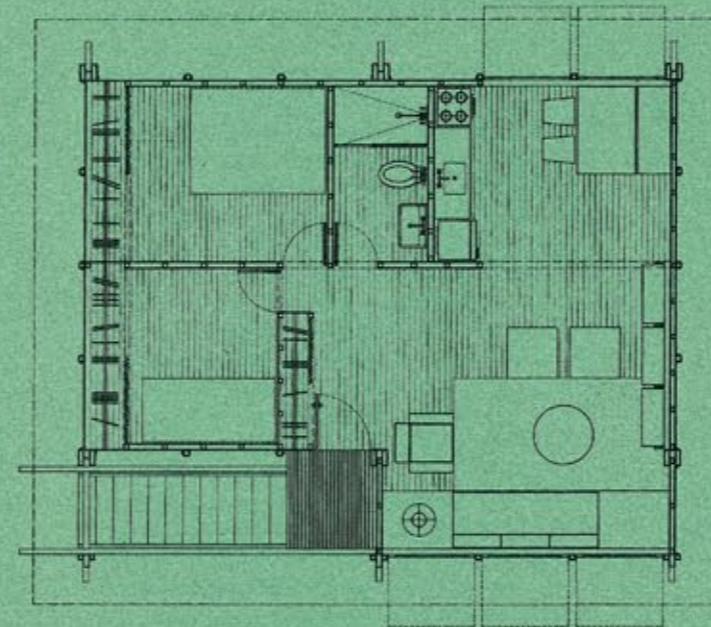
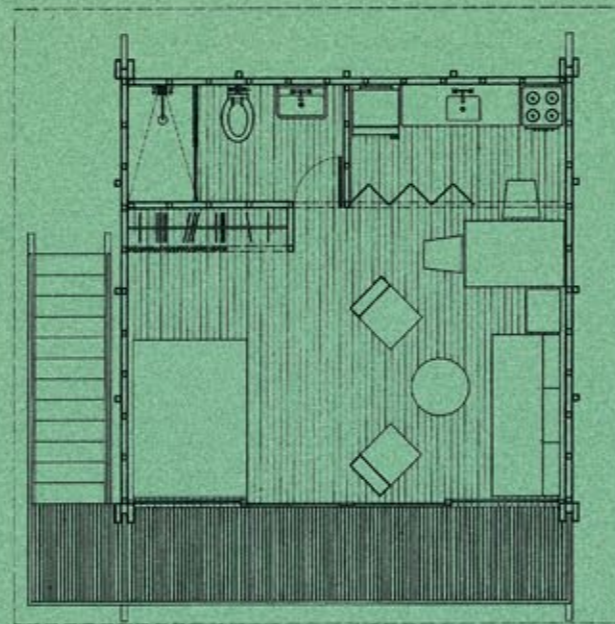
Seja como fôr, os modelos da OCA oferecem bastante flexibilidade para possibilitar uma escolha individual na variedade desse tipo de habitação. Graças ao módulo básico, com seus múltiplos e submúltiplos, a casa pode ser aumentada de mais de uma unidade habitacional ou espacial, quartos, varandas, "decks", etc. Também poderá ter a planta alongada, numa justaposição em-série das unidades de habitação, se assim determinarem a posição, a topografia, o panorama geral dentro do qual fôr lançada, etc.; ou permanecer dentro da planta típica quadrada. Sua construção, ou, por outra, a combinação de suas partes, que nada mais têm a ver com a paulatina

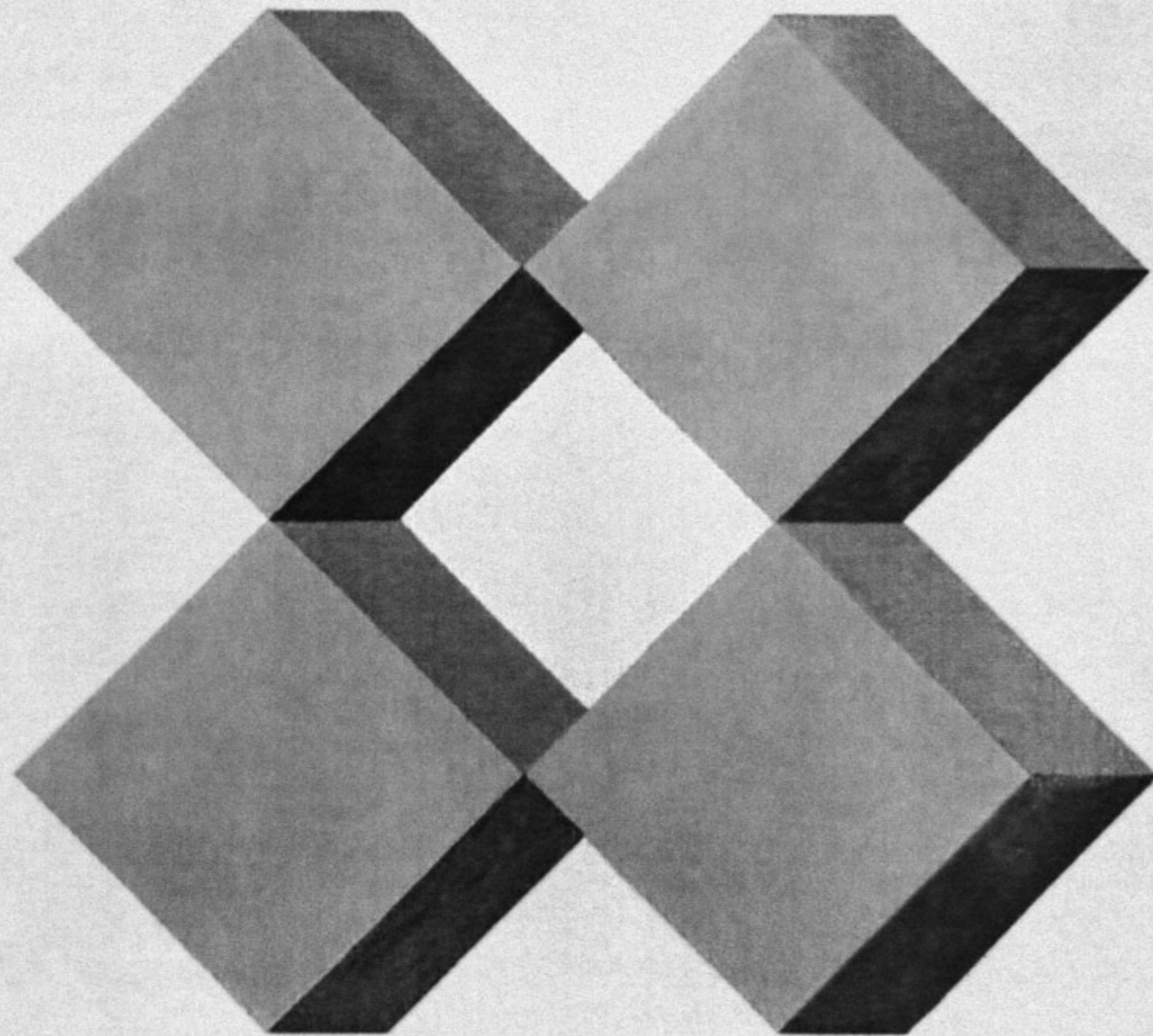
edificação das estruturas, torna sua feitura rápida e barata. Como se trata sobretudo de montagem, asseguram os projetistas não ser necessária nenhuma equipe especializada, o que tornará o seu custo ainda mais econômico, e o projeto todo ainda mais adaptável, com pequenos ajustamentos, aos mais variados programas urbanísticos: conjuntos residenciais em grandes empresas ou fábricas que se constroem fora dos centros urbanos, ou para cidades novas (metropolitanas ou satélites), grupos escolares de emergência, centros de saúde, colônias de férias, com uma unidade central coletiva e em irradiação através de "decks" suspensos ou caminhos cobertos que a ligam a unidades menores para casais ou famílias separadas, na periferia.

Por tôdas essas considerações é de desejar que a tentativa da presente mostra possa vingar. Principalmente num país como o Brasil, de tamanhas diferenças sociais e onde a pressão migratória e demográfica vai tornando cada dia mais complexo e mais fortemente necessitado de pronta solução o problema da habitação do homem comum, não somente nas grandes cidades atravancadas de cortiços e favelas, como nas regiões novas em formação e progresso do interior.

Há, entretanto, vários preconceitos a vencer. E talvez o mais imediato, embora de certo não o mais difícil de superação, é o contra a casa de madeira. Não há entre nós tradição dessas construções. O português sempre dispensou-a para seus fins edificadores, preferindo-a, como o índio, para o fogo. Nos Estados Unidos, ao contrário, a cabana de madeira não foi, nos diz Mumford, "uma adaptação primitiva da cultura da floresta", pois veio como uma contribuição dos colonos suecos, afeitos tradicionalmente à construção nesse material. Hoje ainda, a grande maioria das habitações por todo o território norte-americano é em madeira. Por estranho e invertido paradoxo, isto é, contrariamente ao que se passou aqui, neste país coberto de madeira, com os portugueses colonizadores, no Japão, país montanhoso e cheio de pedra, esta nunca atraiu os japoneses para aplicá-la à sua maravilhosa arquitetura que, apesar de milenar, como se sabe, é tão moderna a ponto de ter incorporado à construção de suas casas de morar elementos pré-fabricados.

Mais grave, porém, é o preconceito contra a casa





pré-fabricada em si. Nesse ponto, o preconceito não é apenas brasileiro. É geral, a começar pelos Estados Unidos, ainda se fundam no trabalho manual. ("No caso predomina na técnica das construções. Com efeito, 80 por cento dos grandes edifícios norte-americanos são feitos de partes pré-fabricadas estandarizadas. Mas quando se trata de pequenas casas privadas, aparecem as dificuldades psicológicas. Dessas dificuldades resultou o fracasso financeiro da corporação organizada por Gropius e Wachsmann para a produção em massa das partes componentes de fácil transporte e de fácil combinação, nos seus múltiplos propósitos, em lugar de tipos de casa completamente estandarizados. A razão principal para tal insucesso, Gropius viu nos métodos ainda antiquados do financiamento da construção de casas privadas. Esses métodos, diz ele, mesmo nos Estados Unidos, ainda se fundam no trabalho manual. ("No Brasil, pode-se dizer que a maioria das atividades edilícias, tanto nas grandes construções como nas casas de morar, ainda se apóia no trabalho manual. Veja-se o exemplo de Brasília: sem o braço do "candango" teria sido possível o seu "milagre"?). Não esqueçamos, porém, outro fator, ainda mais decisivo, o de ordem psicológica. Gideon o salientou, com toda razão, ao lidar com o problema do pré-fabricado na habitação individual. O homem de hoje, tão cioso em adquirir os mecanismos moderníssimos que reputa indispensáveis ao ritmo de seu viver contemporâneo (por exemplo, o automóvel), é outro quando se trata de casa para morar: não a procura nas grandes empresas de produção em massa, de que se orgulha, mas no velho espírito artesanal de que se ri ou que despreza, quando passa pela sombria oficina do remendão ou do funileiro do canto da ruela sobrevivente, afogada pelos arranha-céus. Para sua casa, o que quer é um produto feito à mão, como borzeguim Luiz XV, agradável, individual, bonitinho. Entretanto, observa muito bem Gideon, se o homem acaba se decidindo por uma casa pré-fabricada, é então um produto impessoal, estandarizado, da produção em massa o que deseja; e todo seu trabalho, diz-nos o eminente crítico, consistirá em obter um catálogo, folheá-lo para de lá tirar o tipo acabado de casa que lhe agradou, e comprá-la prontinha, como compra seu carro. Essa atitude é generalizada a todo o mundo ocidental, dos Estados Uni-

dos à Suíça, no testemunho de Gideon. Tal experiência, pode-se dizer que não foi realizada ainda no Brasil, pois estamos apenas no limiar do pré-fabricado. As tentativas até agora aqui promovidas têm sido todas do segundo tipo, isto é, da casa inteira, mas, ainda assim, em escala não bastante grande para se falar em experiência assentada. A falta de experiência verifica-se, aliás, tanto do lado do público quanto do lado da indústria ou da construção. O construtor-arquiteto não passa de artesão; o público, por sua vez, está fora do mercado, quer dizer, não chegou a ser cliente. Por isso mesmo a tentativa da OCA é mais meritória: visa a forçar o meio a dar um passo no bom sentido da habitação privada. Seus arquitetos se sentem integrados com a indústria, colocando-se virtualmente no plano da produção em massa. Nesse sentido, aproximam-se da posição do construtor projetista de ramo já plenamente mecanizado, como o dos veículos, vagões, navios, aviões, etc., que nada mais tem a ver com o manejo artesanal individualista. Os problemas que os devem preocupar são os do mesmo quilate dos da indústria mecanizada, e grande parte do processo para resolvê-los consiste na especialização dos materiais, submetidas cada vez mais às concepções e idéias dos construtores não aos caprichos da originalidade, mas às virtualidades da máquina. O talento criador reserva-se ao desenho, na medida do seu êxito em acomodar a disponibilidade específica dos materiais com o arranjo das unidades básicas estruturantes. O que há de simpático na iniciativa ora em aprêço é que seus promotores arriscam o êxito do empreendimento, de um lado, nas possibilidades da industrialização crescente de nossos métodos construtivos, e, de outro, na hipótese da aceitação também crescente da idéia por parte do público. Confiam que este seja sensível à idéia nova (no Brasil) e, por suas características psicológicas ou temperamentais, possa vir a consumir esse tipo de habitação, cujas partes componentes serão, teoricamente, adquiridas na loja. Com efeito, algo de imprevisto ou fantasioso está sempre jacente na alma do brasileiro, que é sobretudo um improvisador. Estamos no país em que a tudo se dá um "jeito", em que o nosso trabalhador é, sobretudo, produto aleatório

dum contato pessoal, curioso e autodidático, com a máquina ou as máquinas do dia. A ter de jogar qualquer coisa fora, ao primeiro empêro, para comprar nova — traço típico do norte-americano educado para o desperdício, além de necessário a manter a elasticidade permanente do mercado consumidor, em face da tremenda capacidade produtiva de sua indústria — prefere o brasileiro tentar ainda um "jeito" Não estaria aí uma das raízes pelas quais o norte-americano, apesar de não gostar da idéia da casa de morar pré-fabricada, preferir, em caso de ter de aceitá-la, a habitação pronta, que escolha num catálogo, como seu carro ou sua TV? Pelo horror a consertar coisas de seu uso, que lhe é peculiar, uma casa cujas partes desmontáveis se pode comprar parece, talvez, ao norte-americano, com algo de precário análogo ao objeto defeituoso, estragado ou envelhecido que exigiria conserto, substituição de peças, novo arranjo, etc., para o que, aliás, lhe falta comumente ou gosto, ou imaginação, ou paciência. No Brasil, é diferente. O brasileiro gosta de alterar coisas, de trocar peças, pois, em geral, se tem sempre em conta de mais sabido que os outros. Como todo povo sem educação artesanal ou industrial sistemática, a idéia de improvisar, endireitar, botar ou suprimir peças mora com ele, seja um rico em seu palácio ou um pobre em seu barraco. O segrêdo da revolução do pré-fabricado para morar está, pois, na transformação da técnica de construir, ou na passagem do puro artesanato à produção em massa. Gropius ainda, não faz tanto tempo assim, em resposta a inquérito do New York Times sobre a resistência do público norte-americano à habitação pré-fabricada, teve de insistir pela centésima vez no fato de o objetivo da pré-fabricação não ser "a monótona multiplicação de um tipo de casa ad infinitum. "Os homens", reconheceu ele, "são de sempre rebelar-se contra toda tentativa de supermecanização, contrária à vida". Numa imagem admirável pela força persuasiva, o velho mestre comparou, então, os materiais, que "no futuro estarão à disposição do arquiteto-construtor" a "uma caixa de ladrilhos para brincarem com ela", quer dizer, "uma infinita variedade de partes feitas à máquina, intercambiáveis para a construção, que serão compradas no mercado competitivo, e ajuntadas em edifícios individuais de diferentes tamanhos e aparência". "Só então poder-

-se-á esperar que, finalmente, uma qualidade superior se obtenha a preço mais barato". "A pré-fabricação será o instrumento vital para resolver o problema da habitação, de modo econômico". Esse desideratum gropiano deveria fazer parte da expectativa de todos os que trabalham na pré-fabricação. Por ela a casa voltará à escala do homem, para ser sua servente e não mero abrigo dominador. Aproximar-nos-emos, assim, de uma noção nova de casa, que já não é trambôlho irremovível, amarrada a determinado local, mas que poderemos "levar às costas", como um traste. Deixemos, porém, o futuro. Por enquanto, o que apenas os expositores nos propõem é que morremos seus modelos de casa de madeira, onde quisermos — à beira-mar, a cavaleiro das ondas; ao pé de uma montanha, para olharmos a floresta; ou onde, afinal, as circunstâncias ou o apêlo à felicidade nos chamem. A casa que nos apresentam preenche esses objetivos, atende a esse apêlo? É o que importa.



museu de arte moderna do rio de janeiro

Casa individual pré-fabricada
projeto de Sergio Rodrigues, arquiteto
e equipe de Oca Arquitetura, Interiores Ltda.

Planejamento da exposição e catálogo
Artur Lício Pontual, Marcos Vasconcelos, arquitetos, e
Goebel Weyne, gráfico

Março de 1960



AA